

VERACIDADE E QUEIXA NO CONTO DO MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL

Leandro Siqueira Lima¹

RESUMO

O trabalho consiste em repassar o trajeto narrativo vivenciado por Sexta-Feira, mendigo amante do futebol, personagem do conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” do livro “Fio das missangas”, de Mia Couto. No caminho, proponho reflexões das questões do texto e do sobre o texto. Discute-se ainda, por tabela, o futebol, a interpretação do futebol no meio social, sintaxe e estilo no texto literário, e até o Cogito Cartesiano.

Palavras-chave: Literatura. Futebol. Mia Couto.

ABSTRACT

This article is a briefly study on narrative metaphor in the “Friday the Homeless Watching the World Cup”, a short story from Mia Coutos’s book “Fio das missangas”. Along the way, is proposed a text reflection and about the text itself. Even that there is a discussion of football, literary interpretation, social environment, syntax, style on literature and the Descarte’s “Cogito Ergo Sum.

Key words: Literature. Football. Mia Couto.

1 INTRODUÇÃO

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. Mas eu, velho e sozinho, o que posso fazer? É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exibir minhas maleitas.

Trazendo o resumo para este texto, propõe-se já uma tarefa: a de ficar nele. Os longos voos por sobre teorias híbridas, adejadas, de variada categoria não se apresentarão aqui. A abordagem do conto de Mia Couto *O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial* pretende lançar-se ao próprio mendigo Sexta-Feira da narrativa, procurando trazer algumas considerações que elucidem e acrescentem ao leitor de textos literários – de

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente nas MULTIVIX Serra e Vitória. E-mail: leandrolima@yahoo.com.br.

textos de ficção, da literatura de Mia Couto, do conto em particular – questões da interligação do mundo social com a representatividade que a literatura vem a ser.

Procuramos tecer observações sobre as constantes do texto, contando a narrativa, vendo os caminhos tomados, chegando com ela para aonde nos leva, abastecendo-se de reflexões sem tomar as teorias como propósito, sem deixar o texto abandonado.

O conto narra a história do mendigo Sexta-Feira, ora no hospital ora no passeio, querendo ver um jogo do Mundial de seleções pelas TVs em exposição numa loja de televisores. Narra a indelicadeza dos comerciantes com sua presença, a reflexão dele sobre o trato violento da polícia, sonho e devaneio da utopia, metáfora com o futebol.

2 ASPECTOS DO ESTILO

A marca característica dos contos de *Fio das missangas* é o estilo de um narrador que se “mete com a linguagem”, na medida em que se vê presente a erupção caudalosa desta, que é a própria matéria prima do processo criador literário. Projetado na sintaxe, no jeito de contar a história, a linguagem, o estilo de narrar de Mia Couto nesse conto tem por base um diálogo que dirige os pensamentos insurretos do mendigo Sexta-feira, onde se encontram paradoxos, ambiguidades e neologismos. As frases iniciais de Sexta-Feira, as primeiras ouvidas, trazem um composto produtivo: “Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. (...) Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo”.

Os pronomes oblíquos, os de terceira pessoa do discurso, não deveriam introduzir frases escritas. No conto introduz. Introduz a própria narrativa. Começa pondo lado a lado crises matrizes. Dispõe ao leitor o campo minado do texto literário para ver como convivem as contradições da fala, do discurso, da palavra falada e escrita.

Como é fala dirigida a um interlocutor presente no diálogo, Sexta-Feira e Mia Couto deveriam – já que se metem a falar bonito, a conversar sobre coisas sérias e a deixar o relato no texto de um livro – deveriam mesmo é dizer: “Concordo contigo, Doutor”. Mas não. Apresentam uma fala distinta, escolhida porque pensada, cuja desordem textual definida, fora da gramática, é refletida na concordância do texto com as discordâncias imperiosas do mundo social.

Ponteia-se a distorção gramatical do uso do pronome com as redundâncias desses mesmos grupos gramaticais: “me batessem em mim” não pode ser visto como barbarismo da língua, como erro de uso de expressão. “Me batessem em mim”, redundância, possui claro apelo substancial da potência de sentidos que há neste aglomerado: jeito de falar que remete a um lugar social da fala; a necessidade do estilo em fazer-se pelo seu correspondente na fala; a sintomática e a evidência de que nos pobres a vida bate, sempre, em dobro. Sendo negro, o pobre, a repetição do bater pode vir em escala geométrica.

Escritores com dedicação ao estilo de contar são exatamente aqueles com força para reexaminar a língua e as sociedades. Mia Couto escreve sua prosa da maneira como aprendemos imediatamente a diferenciá-la das prosas mais comuns, chamando-as de prosa poética. Dessa maneira, sabemos que sua escrita está envolvida nos mistérios ainda maiores de que é feito o movimento de dar significado para as coisas e para a própria linguagem.

3 NARRATIVA E REVOLTA

O conto começa com o diálogo de Sexta-Feira com um médico no hospital que frequenta corriqueiramente. Vez ou outra, admite, torna ao hospital cheio de “traumatombos”² porque é, entende-se, um homem que não aceita certas condições últimas que a sociedade tenta lhe impor. Na história, é época da Copa do Mundo de futebol de 2002. Ele e tantos outros semelhantes de vida desgraçada têm feito o mesmo movimento de vir da periferia da cidade para assistir aos jogos na praça da cidade, através da vitrine de uma loja de televisores. A polícia e a administração oficial não querem mais que isso se repita. Mas Sexta-Feira não se convence e vive sendo alvo da violência da lei. O início do conto narra mais uma dessas suas visitas ao hospital depois do embate com a polícia.

A narrativa traz esse conjunto de situações mais o que Sexta-Feira é e possui. Mas Sexta-Feira é mendigo. Nada possui de valor material. O que lhe resta é uma voz, restaurada nos diálogos e pensamentos e falas direcionadas a quem possa ouvir.

² “Traumatombos” é um neologismo para os machucados que Sexta-Feira têm no corpo. É trauma e é tomo forçado: traumas de “sustos” levados das botinas de policiais.

Sua voz faz questão de uma reclamação na conversa com o médico. Vejamos:

Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens, esses finta-bolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?

Sempre cortês no trato com o médico, pessoa de confiança de Sexta-Feira, e apesar de não se desequilibrar quando o “sentimento ulceroso” o ataca, também não perde a clareza do que procura comparar. Dor é dor e cada um sabe bem a dor que lhe cabe. Mas Sexta-Feira quer que se olhe os paradoxos da recepção de uma dor e da outra. As dores verdadeiras da vida real que ele e seus semelhantes têm é a mais frequente porque presente dia pós dia. Os elementos que a compõe são a fome, o abandono, o desestímulo, a decepção, a falta de moradia, de identidade, de cuidados e de atenção:

É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um teto nesse momento. Um teto que nos cobre neste e noutros continentes.

E ainda são vistos descomedidamente pela desconfiança e por causa do fracasso. Sem televisão, eles querem como todos amantes do futebol comungar daquele momento especial. O mendigo ainda cobrado médico pedindo-lhe para tentar que permitam o encontro da mendicância pormais um jogo, em vista de ser o próximo de uma seleção africana. Querem ver do “passeio”, da rua na praça, pela vitrine da loja, o jogo transmitido. No entanto a infelicidade deles é resultado de não serem consumidores potenciais, diria o comerciante. É verdade que usam os televisores de graça e o comerciante pensa a sua presença como problema para os negócios. Estes pretendem aproveitar o tempo da copa para prosperar nas vendas, cuja contabilidade sempre pode melhorar (há outros ainda vendendo mais, e mesmo o maior vendedor pensa assim).

E Sexta-Feira apanhando, formando resistência, não se aquieta com tamanha diferença. Uma diferença daquelas de amargar, paradoxo mesmo. A dor verdadeira é ignorada. A fingida é observada, acompanhada com solidariedade. É até estimulada. E a bem da verdade vê-se rotineiramente bem recompensada. Jogador de futebol é

milionário. Pelos menos aqueles que estão jogando na TV, na Copa do Mundo. Mesmo os africanos.

Se os grandes eventos globais do esporte não oferecem espaço para vozes de Sextas-Feiras, a obra literária dá. O conto de Mia Couto também é a consumação dessa voz. A literatura sempre esteve, e de certa forma este é o seu lugar, transmitindo vozes plurais. Não necessariamente é marginal ou subversiva, embora também seja e também aceite a convivência de ambas com as que se mostrem mais integradas aos *status quo*. No caso de Mia Couto, neste conto, não se deveria dizê-la simplesmente como uma literatura engajada a uma forma específica de política de organização do Estado, da cultura e da economia de um país. Não se faz literatura crítica aos desmandos dos poderes constituídos, ou das formas de organização e conluios das estruturas organizadas de administração pública, apenas pela sistemática apresentação de dualismos maniqueístas do que dá errado num sistema e do que dá certo em outro. No conto de Mia Couto, vê-se a existência de mundos e realidades obviamente em conflitos de interesses.

O lugar da voz do mendigo é especialmente cuidada para ser porta-voz de outras vozes semelhantes, e que os leitores de literatura, e também os amantes do futebol, e os de consumidores de megaespectáculos de culturas diversas possam revê-las e as apresentarem para si³ e para as sociedades ao redor. É a consumação da voz. É o aproveitamento de um campo produtivo para a realização de vozes, de barulhos – que seja – bem organizados, pensados, reflexos – como sempre de alguma maneira é – dos que estão com a caneta e o papel em mãos, com o pensamento motivado para algo.

4 UMA PARÓDIA AO COGITO

³ No final de um parágrafo, quando argumenta Sexta-Feira com o doutor para que convença o comerciante a não expulsá-los dessa vez, diz: “O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer que não, se for um pedido vindo de si, doutor”. O “si” de Sexta-Feira é um desvirtuamento intencional do “ti”, o pronome para interlocutores presentes. A ambiguidade pode vir do lugar daquela fala, que talvez não seja exatamente um diálogo, mas um pensamento que Sexta-Feira deveria realizar mas não o fez. Ou ainda, ou também, a ambiguidade produzida por Mia Couto no sentido de apresentar a noção de certa alteridade, onde o outro é visto como o “eu” mesmo, ou o contrário, o “eu” assumido como o outro do outro.

Retornando para uma das frases iniciais do mendigo, tornamos para tentar conferir coerência do resumo no texto. No anúncio deste, apresenta-se o ‘Cogito’ cartesiano. Diferentemente de Sexta-Feira, Descartes anunciava no início da Era Moderna o dizer implacável para as concepções humanas da racionalidade de toda uma peia de gerações: “Penso logo existo”. A paródia impressa pelo mendigo é poderosa. A filosofia que imperava no instante de sua confabulação, e que esta deu prosseguimento, era a que procurava definir o conhecimento seguro do homem para a conservação da vida saudável, para a boa conduta da vida, para a boa relação entre fé e razão. Uma antropologia onde reinava o primado da união corpo e alma. Filosofia metafísica, como pode-se ver.

A paródia é precisa inicialmente porque ela é refeita, revalidada por Sexta-Feira nos termos da sua vida prática: “Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo”. Em contraposição ao que postulava a filosofia do método – dos cuidados para que seguissem os homens o caminho para a manutenção do corpo saudável e da mente livre dos sentidos comuns, dos juízos simplórios, dos preconceitos – o mendigo é com sua própria vida o regaço da contraposição. É por meio do trauma e da doença que há provação da sua existência. A dor do corpo e da alma em Sexta-Feira é quem são o motor do pensamento e o escape da fúria comedida, que nele se encontram como simbolização do ato de ser contra um padrão de vida contraditório ao seu.

Personagens como ele são muito especiais para a literatura porque além de envolver o leitor em sua objetividade ficcional e por sua subjetividade expressada, conseguem assim manter fluente a histórica função problematizadora da vida. Não, as coisas não estão nada bem, longe de estarem ajustadas cada uma em seu devido lugar (se é que podemos dizê-lo). As coisas não vão bem neste mundo de extremadas diferenças em todos os aspectos. A administração humana de suas sociedades é um verdadeiro colapso. Sem medida, está se refazendo na desintegração, no desequilíbrio de renda e direitos, na injustiça e na exploração, há milênios.

Sexta-Feira reforça a existência desses históricos: problematiza a vida, nas suas diversas faces, e veicula no terreno da ficção a exatidão desses aspectos na experiência que é a humana, a de reproduzir distinções que têm-se ordenadamente repetindo desde que o mundo é mundo.

A narrativa de Mia Couto retrata à sua maneira o conflito de figuras sociais na busca de ver retratadas realidades sociais. Na realização dos conflitos, reforçam-se suas

necessidades e também suas utopias. Tomamos este aspecto, particularmente, porque entendemos haver no percurso da narrativa uma metáfora que floresce com o passar dos acontecimentos.

5 CONCLUSÃO

Inicialmente o mendigo se diz ali, no hospital, apenas para contar uma reclamação e para se sentir vivo. Lembremos a sua falta de identidade, a sua condição social e suas espertezas. Mas com o passar das situações e principalmente das conversas de Sexta-Feira com o doutor e consigo mesmo, percebe-se estar despertando, em Sexta-Feira e no doutor, uma identidade política naquele. Estabelecendo no texto mais uma metáfora – nesta, para a organização dos mendigos frente à loja de televisores com o posicionamento dos jogadores de um time de futebol – assim diz Sexta-Feira:

(...) E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão.

Num time de futebol, o extremo esquerdo é aquele que joga no lado esquerdo do time, numa posição mais adiantada, perto do gol adversário, pronto para “fuzilar” o goleiro adversário. Bom, mas na linguagem política, a esquerda é a que historicamente tem se colocado em oposição às mais antigas e tradicionais forças constituintes do poder político e econômico dos países ocidentais. Ser esquerda, em política, significa ser contra o capitalismo (mais do que estar contra o capitalismo, mas ser mesmo, uma implicação existencial), contra as instituições sustentadoras da ordem capitalista, contra as estruturas que investem em favor dos valores morais e éticos que permeiam ou permitem sustentar a ordem hegemônica capitalista. Seria, basicamente, algo em torno e ou a partir dessas noções, pois durante o século XX resolveu-se historicamente apresentar o mundo por meio das “desdobraduras” e misturas de muitas outras noções críticas e lutas sociais que se foram fazendo necessárias a essa luta.

Sexta-Feira é o extremo esquerdo, o que joga mais avançado na luta contra o capitalismo. E o mais avançado, na metáfora de Mia Couto, não é o partidário constituído, o convicto pelas ideias, o letrado da esquerda. É o que está sentindo na pele pela dor os efeitos do sistema excludente. É o mais “atenado”, porque é com a

própria vida que ele sabe o que faz o sistema com os que ficam de fora e com os que, sentindo e vendo o sistema como ele é, fazem questão de ficar.

Sexta-Feira, nas mãos do doutor, é a utopia do contra-sistema. Pois nos parece que seria de muito bom grado, no *Mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial*, se o sonho ou o delírio tivesse o extrema esquerda como o goleador do time revolucionário, dos vermelhos. A construção da figura do mendigo como uma liderança possível política é uma grande metáfora do percurso da narrativa, que se encerra no seu desfecho quando o sonho, a vontade, a utopia caem na crueldade dos fatos, quando a defesa começa a “dar carga” no ponteiro esquerdo Sexta-Feira e as reclamações se inflamam.

O doutor, na beira do campo, grita por um cartão amarelo. A defesa adversária continua a repetir a marcação forte até o árbitro tomar ação e expulsar um deles. Cria-se uma rápida esperança: “Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida”.

Porém, quando ainda se alimenta do pensamento, vem a surpresa terrível: “o próprio árbitro é quem me passa a agredir. [...] Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam”.

Finalizando dessa forma o conto, o narrador de Mia Couto, o que conta a tragédia e forma existencial de sobreviver de Sexta-feira, apresenta na metáfora com o futebol o fim daqueles que procuram atacar o sistema. Vencer os donos do campo de futebol nunca será uma tarefa fácil. Aqueles que não tem bola em casa que nos digam. Mas, é preciso lembrar, o futebol nos mostra que nenhum time vence antes do jogo. Esse esporte mostra, rodada após rodada, que o time pequeno pode vencer o time grande. Só ganha sem jogar quem manda no tapetão. É por isso que, vendo o futebol, toda semana inicia-se em vários sujeitos espalhados pelo mundo uma esperança de que é possível vencer, ainda que seja tomando pancada, ainda que seja jogando num time com menos investimento.

6 REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial. In: _____. **O fio das missangas**. Disponível em: <<http://www.srec.azores.gov.pt>>. Acesso em: set. de 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.